DESDE 1989 A REFERÊNCIA NACIONAL NO MERCADO DE REFORMA DE PNEUS

Revista Pneus®

Edição nº 120 - ano 2022

ABR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA REFORMA DE PNEUS

ESG - PORQUE A SUA EMPRESA PRECISA ENTENDER E PRATICAR ESSES CRITÉRIOS

Onde sobra qualidade, a banda é na medida certa

Você que recapa sabe que cada centímetro de banda vale muito, e que evitar sobras durante a recapagem é fundamental para o seu negócio e para o meio ambiente.

É por isso que a Borex oferece bandas na **MEDIDA CERTA**, com **ENCAIXE PERFEITO** , agilizando o processo e reduzindo o desperdício e o custo.

Escolha Borex e tenha uma banda de qualidade e na medida certa para você recapar melhor.

BOREX

Converse direto com a gente:

@borexpro borex.com.br

ABR ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA REFORMA DE PNEUS

Pnews®

EDITORIAL

Nesta edição da Revista Pnews, trazemos um tema muito importante para as empresas e para o nosso segmento: o ESG, sigla em inglês para Ambiente, Social e Governança.

Sendo um setor verde e com apelos inequívocos de sustentabilidade, é essencial que nossas empresas do segmento de reforma estejam também atentas aos pilares do ESG que hoje são considerados fundamentais para o crescimento e a perenidade das companhias.

Cada vez mais, os critérios de ESG se tornam balizadores para consumidores e investidores socialmente conscientes selecionarem investimentos, produtos e serviços em potencial.

Em um mundo cada vez mais voltado para os problemas da sustentabilidade do planeta, as empresas que não estiverem alinhadas a essas questões poderão trazer prejuízos financeiros em médio e curto prazos.

Isso porque, em virtude do crescimento e evolução dos relatórios de ESG, muitos investidores já estão incorporando esses fatores ao decidirem por um investimento ou aquisição. E a previsão mundial é que o mercado ESG já deva dobrar neste ano de 2022.

Em um momento, no qual nosso mercado vem se preocupando muito pela guerra de preço, é essencial que as empresas comprometidas com o futuro incluam em seus planos de negócio a estruturação do ESG em suas companhias. Só assim separaremos cada vez mais as empresas profissionais das aventureiras e tornaremos o nosso negócio ainda mais forte.

Alexandre Moreira
Presidente em exercício da ABR

Pnews

EDIÇÃO Nº 120 - ANO 2022
A Revista Pnews é o orgão informativo da ABR

06 **ABR DESTAQUE**
Venda Direta é discutida no Senado

12 **MERCADO**
O que esperar da economia para final de 2022

18 **CAPA**
ESG e sua importância

28 **CURIOSIDADE**
Mirante construído com mais de dois mil pneus

DIRETORIA ABR
Presidente:
Margareth Gettert Buzetti
Presidente em Exercício:
Alexandre Pascoli Moreira
Diretor Financeiro:
Milton Facio
Diretor de Comunicação:
Everson André Schmidt
Diretor Técnico:
Alexandre Levi Cardoso
Diretor de Mercado:
Giulio Cesar Claro

EXECUTIVO ABR
Secretária:
Juliana Schloz
Diretor Executivo:
Luiz Antonio Coria

CONSELHO EDITORIAL
Everson Schmidt

Revista Pnews na internet
www.pnewsdigital.com.br
Assinatura:
(11) 5095 3840
abr@abr.org.br

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens da Revista Pnews, solicite por e-mail:
abr@abr.org.br
Os artigos assinados e os anúncios não expressam necessariamente a opinião da Revista.

EXPEDIENTE

Produção
VoxCom Comunicação
Jornalista Responsável
Vinícius Carvalho (Mtb 27.757)
Edição
Vinícius Carvalho

Redação
Silvio Monteiro
Vinícius Carvalho
Revisão
Maria Helena Amaral

Criação e Diagramação
Daniela Squarzoni
Imagens
Freepik, Adobe Stock

Comercialização Exclusiva
Ney Euphrausino
Total Live - Comunicação e Live Marketing
comercial@totallive.com.br
11 4979-4447 / 11 9.8565-5252

VENDA DIRETA: PRÁTICA É LEVADA PELA ABR AO CAE

Comissão de Assuntos Econômicos debateu a venda direta de pneus aos transportadores

Em busca de uma solução para distorções no mercado de comercialização de pneus, a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) promoveu uma audiência pública no mês de agosto sobre a venda direta do produto a transportadoras.

Denúncias indicam que empresas de frete estariam revendendo pneus novos por valores abaixo do mercado e sem recolhimento de tributos. Um dos caminhos apontados é aumentar a fiscalização.

A venda direta de fabricantes de pneus a transportadoras é permitida. As empresas de frete podem comprar pneus para usar nos próprios veículos, mas elas estariam adquirindo pneus novos em quantidade superior ao necessário, revendendo-os e utilizando o valor excedente para pagar fretes e outros serviços, sem emissão de documento fiscal. As revendedoras de pneus demonstram que esse tipo de prática tem gerado um ambiente de competição desleal. "Algumas empresas de transporte aproveitaram para exercer o negócio de comercializar produtos de forma irregular. Primeiro, fazendo pagamentos de frete para caminhoneiros autônomos com pneus, sem a respectiva nota de venda. Segundo, comprando pneus muito acima de sua capacidade de consumo, gerando falso custo e reduzindo sua lucratividade e, por consequência, reduzindo alguns impostos federais. Fechamos já cem lojas nos últimos anos e, "pelo andar da carruagem", serão fechadas mais lojas" - apontou Dirceu Delamuta, presidente da Associação Brasileira de Revendedores de Pneus (Abrapneus).

Diante de denúncias de irregularidades na atuação de empresas do segmento de transportes, a Secretaria Estadual de Fazenda de Mato Grosso (Sefaz-MT) fez um cruzamento das informações sobre vendas de pneus com o número de placas de veículos registrados. O órgão também considerou o desgaste dos pneus para criar um indicador e identificou 73 empresas que, possivelmente, estariam adquirindo pneus em excesso. Segundo os cálculos da Sefaz-MT, só entre 2019 e 2021 essas transportadoras teriam comprado 27 mil pneus a mais do que o necessário.

"É um indicador. Não tem uma contribuição concreta, mas já indica quem pode estar operando acima do limite. Então, essa malha vai ser utilizada para fazer o monitoramento de maneira mensal dos contribuintes, para identificar, e a gente já poder desenvolver as ações em tempo mais célere sobre os que tiverem irregularidade configurada materialmente - apontou Vinícius José Simioni, secretário-adjunto de Receita de Mato Grosso.

Controle das vendas

Representantes da Receita Federal e de outras secretarias de Fazenda reforçaram que vão trabalhar para ampliar a fiscalização, a partir das denúncias das revendedoras de pneus.

A senadora Margareth Buzetti (PP-MT), que sugeriu a audiência pública, lamentou que os fabricantes de pneus não controlem a quantidade de venda para uma frota baseando-se no potencial de consumo mensal e na quantidade de veículos. Ela cobrou maior colaboração.

"Penso que a indústria pode, sim, nos ajudar a encontrar um caminho para que isso melhore. Nós temos casos absurdos, a exemplo de empresas que têm contêineres de pneu por marca para vender. Isso não pode acontecer. A cadeia toda é um setor imenso que está sofrendo; são as revendas e as reformadoras de pneus que vêm por trás, porque hoje se encontra cliente que diz assim: "Eu não quero recapear pneu, não vou recapear. Eu vou comprar pneu e vou vender pneu" - apontou a senadora.

Em resposta, Klaus Curt Müller, presidente-executivo da Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos, que representa o setor de fabricantes, disse que as empresas não podem bloquear as vendas e afirmou que o segmento não é conivente com

possíveis irregularidades praticadas por algumas empresas transportadoras. Ele garantiu que apoia o aumento da fiscalização e prometeu colaborar.

"Não há nada de ilegal na venda direta. A ilegalidade está no que se faz com o produto após a venda. Então, esse é o ponto" - disse.

Para o senador Carlos Portinho (PL-RJ), a audiência requerida pela Senadora Margareth Buzetti joga luz sobre o problema. Segundo ele, há indícios de concorrência desleal, fraude e sonegação de impostos.

O senador manifestou preocupação também com os caminhoneiros, ponta mais frágil da cadeia.

"A gente tem que alinhar, harmonizar a indústria, o revendedor, a transportadora e, principalmente, o caminhoneiro, que é aquele que faz uso final do pneu" - assinalou Portinho.

Fonte: Agência Senado

TAXAS ANTIDUMPING E ANTISSUBSÍDIOS SÃO CORTADOS NA EUROPA

E agora o que acontece com o mercado de reforma no Velho Continente

A revista internacional Retreading Magazine produziu uma importante matéria sobre mudanças na legislação que vão impactar diretamente o mercado europeu de reforma de pneus.

Segundo a revista, o setor de recauchutagem europeu e o Tribunal Geral europeu tomaram a decisão de anular as taxas antidumping e antissubsídios sobre os pneus chineses para veículos comerciais, que estavam em vigor desde 2018. As razões apresentadas para a decisão da Corte foram, em primeiro lugar, que a metodologia utilizada pela Comissão Europeia para calcular o grau de subcotação que estava sendo realizado pelos fabricantes chineses na Europa foi considerada ilegal e, em segundo lugar, alega-se ter havido uma falha no que diz respeito aos direitos de defesa dos produtores chineses, aos quais foi negado o acesso a certas informações, incluindo a metodologia exata utilizada para determinar o nível do suposto *dumping*.

As tarifas tinham sido contestadas pela Associação da Indústria de Minerais e Importadores e Exportadores de Produtos Químicos da China que argumentou que elas contrariavam os acordos de Comércio Internacional. O caso foi defendido pela Comissão Europeia e Marangoni Spa.

Deve-se lembrar que as investigações de antidumping e antissubvenções originais foram iniciadas em agosto e outubro de 2017, respectivamente, na sequência de reclamações apresentadas pela indústria europeia, incluindo muitas empresas de reforma.

Seguindo as investigações, a Comissão concluiu que as importações de pneus para caminhões e ônibus foram objeto de *dumping* na UE, causando prejuízos à indústria de pneus novos e recauchutados, e instituiu medidas *antidumping* definitivas, em outubro de 2018.

Também se descobriu que as importações da China se beneficiavam dos subsídios que distorciam o mercado, causando danos à indústria europeia. Sendo assim, foram impostos direitos de compensação antissubsídios em novembro de 2018.

Esses direitos foram instituídos por um período de cinco anos, respectivamente até outubro e novembro de 2023, por regulamentos adotados pela Comissão.

Caso as ações não tivessem sido tomadas, o efeito geral provavelmente teria sido um aumento adicional nas importações de pneus novos baratos da China e um enfraquecimento ainda maior da indústria europeia de recauchutagem.

As empresas chinesas recorrerão da decisão e, em maio, determinou que a Comissão Europeia deveria rever as medidas e as impor em níveis mais brandos.

Felizmente, durante a primeira semana de julho, foi divulgada a notícia de que a CE, como esperado, havia escolhido reabrir as investigações antidumping e antissubsídios, em conformidade com as decisões do Supremo Tribunal. Durante o período de investigação, todas as tarifas para os fabricantes chineses representados na reclamação serão suspensas até que as investigações sejam concluídas. No entanto, para poder coletar retroativamente novas tarifas para as importações chinesas, até que as tarifas sejam recalculadas, os órgãos aduaneiros registrarão todas as importações a partir de agora.

Além disso, de acordo com sua prática atual, a Comissão deu instruções aos órgãos aduaneiros nacionais para que se abstivessem de reembolsar os direitos já cobrados e aguardassem as conclusões do inquérito. Esse registro está limitado a um período de nove meses no momento, o que significa que o resultado das investigações pode ser esperado no início do próximo ano.

O QUE PODEMOS ESPERAR DA ECONOMIA ATÉ O FINAL DO ANO

Especialistas esperam inflação ainda elevada, políticas monetárias contracionistas e desaceleração das economias

Os primeiros seis meses de 2022 foram marcados por um ambiente macroeconômico repleto de incertezas: da Guerra Russia-Ucrânia até um novo *lockdown* na China, passando por todas as consequências que vieram na esteira desses eventos, com destaque para o avanço desenfreado da inflação no mundo.

Com esses cenários, as perspectivas não são nada otimistas nesse final de semestre para a economia global.

Especialistas alertam que os próximos meses ainda devem ser de turbulências. De um lado, uma pressão inflacionária persistente em nível mundial, de outro, os bancos centrais não poupando esforços para segurá-la e adotando medidas de política monetária mais contracionistas, com a elevação das taxas de juros. Neste contexto, as indicações são de que o mundo não escapará de uma recessão econômica.

Principais expectativas para a economia no segundo semestre

De acordo com Matheus Pizzani, economista da CM Capital, para o segundo semestre, "a principal expectativa está voltada para as consequências mais palatáveis da política monetária no campo interno, que deve começar a fazer efeito e ajudar no processo de controle da inflação".

No entanto, segundo ele, as atenções estarão focadas na meta de inflação proposta para o ano de 2023, uma vez que o controle dos preços dentro do que foi proposto pelo Regime de Metas de Inflação (RMI) já se tornou algo inatingível nas condições atuais.

Já para o cenário externo, o mundo olha com atenção uma provável desaceleração das economias desenvolvidas, especialmente nos Estados Unidos e na Zona do Euro.

Nas últimas semanas, manifestações dos bancos Goldman Sachs, Bank of America e do economista Robert Shiller referem-se às possibilidades de que o país norte-americano passe por uma crise econômica estão entre 30 e 50%.

Inflação deve continuar elevada no mundo

Igor Cavaca, head de gestão de investimentos da Warren Asset, explica que o principal fator do processo inflacionário atual é decorrente da quebra dos processos de produção e logística provocados pelas medidas de isolamento social adotadas ao redor do mundo

para conter a pandemia de covid-19.

"A pandemia acabou desorganizando toda a cadeia produtiva, com um rápido congelamento da produção e consumo, e, posteriormente, uma maior lentidão da retomada das atividades normais", afirma Cavaca.

Além disso, muitos países adotaram diversas políticas fiscais e monetárias expansionistas para enfrentar os impactos econômicos da pandemia.

Com o avanço da vacinação e a retomada da atividade econômica, a volta do padrão de consumo mundial já era esperada. No entanto, Pizzani afirma que, neste movimento, dois fatores acabaram por surpreender o mercado:

- a magnitude com que isto aconteceu, com a pressão sobre o lado da oferta sendo mais intensa do que poderia ter sido inicialmente previsto;

- a combinação da migração dos gastos pessoais para o setor de serviços e bens não duráveis e serviços com a manutenção dos gastos no grupo de bens duráveis, disseminando a inflação, que se encontrava concentrada apenas neste último grupo, para todo o conjunto da economia.

Simultaneamente, a eclosão da guerra da Rússia na Ucrânia, uma das principais regiões exportadoras de petróleo, gás natural e diversas commodities alimentares, também impactou a oferta de muitos produtos em um momento em que a demanda seguia aquecida, contribuindo para a escalada dos preços.

Inflação importada para a economia brasileira

As perspectivas para o Brasil para o semestre também não são das melhores. Segundo Alfrânio Trescher, gerente financeiro e especialista em investimentos do Sistema Ailos, diz que "embora o Banco Central tenha iniciado o ciclo da alta de juros no País muito antes do que as outras nações desenvolvidas, a economia brasileira ainda deve sentir até o final de 2022 os efeitos de uma "inflação importada".

Muitos produtos, a começar pelo combustível, são importados e têm seus preços expostos às oscilações do exterior. No caso dos combustíveis, os preços são influenciados pela cotação do petróleo, e essa é uma das portas que a inflação global entra no País.

Taxas de juros em alta

No Brasil, como dito por Trescher, o ciclo de alta na taxa Selic (a taxa básica de juros) já começou há um bom tempo, em meados de 2021.

"O Brasil começou a aumentar a sua taxa de juros antes que os países desenvolvidos, justamente porque estes imaginavam que a inflação seria transitória. Mas o Brasil, por ser um país em desenvolvimento, começou a subir sua taxa antes por já conhecer o efeito que tem a inflação na

do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) elevou a taxa básica de juros em 0,75 ponto percentual, a um intervalo entre 1,00% e 1,75%, o que não acontecia desde 1994.

Para Igor Cavaca, "ainda passaremos por um bom período com taxas de juros mais altas de forma global", com o Brasil mantendo seus juros altos e outros países realizando novas elevações. O *head* de investimentos da Warren pontua que isso deve causar efeitos importantes na economia, com redução do crescimento, baixo investimento, reorganização do fluxo de capitais e aversão ao risco, só para citar alguns exemplos.

Desaceleração da economia no segundo semestre

Com a inflação em alta corroendo o poder de compra da população e os juros subindo mundo afora, o que encarece o crédito para pessoas e empresas, investidores e analistas já dão como certo um período de recessão econômica global, começando pelos Estados Unidos.

Para o professor de finanças da FIAP, Marcos Crivelaro, atualmente não é possível fazer previsões confiáveis de cenários para o Produto Interno Bruto (PIB) dos países.
"O noticiário sempre está mostrando que as previsões dos PIB não estão se confirmando. Errando para mais ou para menos. Isso porque há uma união de fatores nacionais e internacionais que ocorreram nos intervalos de avaliação desses indicadores", aponta o professor. Ele acredita que, apesar disso, a tendência de todos os mercados é de baixa moderada no PIB no segundo semestre.

Nos últimos meses de 2021 e primeiros meses de 2022, Matheus Pizzani ressalta que foi possível observar a "coexistência de um bom nível de atividade econômica com elevados níveis de inflação" nos Estados Unidos e na Europa. Isso aconteceu porque, com a pandemia, havia muita demanda reprimida.

Em contrapartida, a medida que o fim deste represamento seja alcançado, assim como as políticas monetárias comecem a fazer efeito, a expectativa é que "estes países observem uma forte desaceleração de suas taxas de crescimento", afirma o economista. Para ele ainda é cedo para afirmar se haverá recessão nestes anos, mas há um cenário com altas probabilidades de que isso aconteça.

Projeções para o crescimento da economia brasileira

Alfrânio Tescher comenta que a guerra na Ucrânia pode acabar impulsionando o crescimento brasileiro por conta das commodities. Como aquele país é um importante exportador de alimentos como trigo e milho, por exemplo, os confrontos na região impedem a exportação dos produtos e, assim, a demanda pelas commodities brasileiras cresce, gerando mais receita para o País. O mesmo ocorre com o petróleo.

No entanto, o especialista ressalta que esse é um movimento de curto prazo. Para ele, ao pensar no médio prazo, a política monetária mais contracionista adotada pelo Banco Central já deve ter começado a afetar o crescimento da economia brasileira.

Fonte: Mais Retorno

PNEUSHOW CONTABILIZA BONS NÚMEROS E SE PREPARA PARA 2024

A próxima edição da Expobor e Pneushow retorna entre os dias 26 e 28 de junho de 2024, no Expo Center Norte, em São Paulo

Os bons números apresentados pela Pneushow, que aconteceu de 22 a 24 de junho, no Expo Center Norte, em São Paulo, deram um ânimo ainda maior para o setor se preparar com bastante expectativa para a edição de 2024.

A edição deste ano aconteceu após quatro anos sem eventos presenciais e alcançou recorde de público e crescimento da presença de profissionais que jamais haviam estado nas feiras anteriormente.

De acordo com a organizadora dos eventos, a Francal Feiras, em três dias, foram quase 70 palestras e painéis, 145 marcas expositoras e 8,6 mil visitantes - dos quais 23% estiveram no evento pela primeira vez. O público, além de recorde, foi diversificado, pois contou com a presença de representantes de todos os estados brasileiros e crescimento de 13% dos visitantes internacionais.

"Estamos muito felizes com o resultado da 14ª edição, pois, além da expectativa de reencontro do setor, também ouvimos muito o mercado e as entidades apoiadoras sobre como deveríamos retornar ao evento presencial, que não acontecia desde 2018", comenta o diretor de Negócios da Francal Feiras, Fernando Ruas. As feiras bianuais foram suspensas em 2020 e em 2021, por causa da pandemia.

Prontos para 2024

Em consequência do impacto positivo verificado no retorno do evento, expositores e visitantes já têm data para retornar à Expobor e Pneushow em 2024. "Para a próxima edição, estamos preparando uma abordagem diferente para as feiras, até porque o setor da borracha é muito vivo em produção acadêmica, pesquisa e desenvolvimento. Queremos plugar isso dentro do evento, transformando em experiência para os visitantes, em parceria com as associações", prevê Ruas.

Este ano, por exemplo, o evento também recebeu apoio da ABR - Associação Brasileira da Reforma de Pneus, Aresp - Associação das empresas reformadoras de pneu no Estado de São Paulo, Apabor - Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha; SLTC - Sociedad Latinoamericana de Tecnologia del Caucho, colaboração da Abiarb - Associação Brasileira da Indústria de Artefatos de Borracha e Sindibor - Sindicato das Indústrias de Artefatos de Borracha.

O executivo da Francal também comentou que novas ferramentas para reforçar ainda mais o networking durante o evento devem surgir. "Para além do formato dos estandes, queremos transformar as inovações que são apresentadas em experiências."

O QUE É ESG E POR QUE É IMPORTANTE?

Cada vez mais empresas precisam se preocupar com questões ambientais, sociais e de governança para atraírem investimentos e consumidores

O mercado de reforma de pneus é um segmento verde. Afinal, ele possibilita uma nova vida útil para um produto que seria inservível, utilizando uma quantidade muito inferior de matéria-prima (petróleo) e diminuindo consideravelmente a emissão de CO2 na atmosfera.

Porém, além do segmento ter essa importância, cada vez mais é essencial que as empresas do setor também se conscientizem da necessidade de práticas de ESG (ambientais, sociais e de governança) para a perenidade das companhias.
Mas, afinal, o que é ESG e por que é tão importante?

A sigla ESG se origina do inglês – *environmental, social and governance* (ambiental, social e governança) – e é um conjunto de padrões que orientam como a empresa deve operar em relação ao planeta e suas pessoas.

A ESG é fundamental porque os investidores e consumidores socialmente conscientes, agora, usam critérios ESG para selecionarem investimentos em potencial.

Os critérios ambientais examinam o desempenho de uma empresa como guardiã do planeta. Os critérios sociais examinam como uma empresa gerencia os relacionamentos com funcionários, fornecedores, clientes e as comunidades onde opera.

A governança define um conjunto de regras e melhores práticas, juntamente com uma série de processos que determinam como uma organização é gerenciada e controlada.

Por que certos investimentos têm melhor desempenho do que outros? Por que certas startups parecem sempre superar e ficar à frente da coorte? A resposta tem três letras-ESG. Seja você um investidor ou uma empresa, grande ou pequena, relatórios e investimentos ambientais, sociais e de governança (ESG) constituem a estrutura a ser adotada, se você quiser acompanhar o mercado (e sua conta).

Nesse sentido, o ESG não é apenas uma estrutura sobre a qual as instituições financeiras e os investidores devem se reportar; também está no radar de funcionários, reguladores e de todos os envolvidos no ecossistema.
E por que esses critérios vêm ganhando cada vez mais força?

Simplesmente porque fenômenos como o surto de coronavírus e as mudanças climáticas nos fazem perceber que não somos donos do nosso planeta, mas sim, guardiões da natureza. O ESG está assumindo um significado ainda maior à luz dos eventos recentes: as empresas têm a responsabilidade e os recursos para realizarem uma ação climática positiva, construindo um futuro mais sustentável e resiliente.

É fundamental afirmar que, para cumprir a meta de limitar o aumento da temperatura global a 1,5°C, são necessários US$ 90 trilhões de investimentos até 2030.

A seguir, vamos mergulhar no tema ESG e na relevância que tem para empresas e investidores.

Destrinchando o ESG

Por definição, o relatório ESG é a divulgação de dados que explicam o impacto e o valor agregado de uma empresa em três áreas: meio ambiente, social e governança corporativa. ESG é o termo abrangente para componentes financeiros sustentáveis e responsáveis. É uma estrutura que considera fatores ambientais, sociais e de governança, ao lado de fatores financeiros no processo de tomada de decisão de investimento. É também um processo para avaliar quais empresas realizam/pontuam em cada um dos fatores: E-S&G, e determinar se é um investimento viável.

"Não são apenas 5% do seu dinheiro que você doa que importa. O que você faz com os outros 95% é quase mais importante."

Darren Walker - Presidente da Fundação Ford

O E (ambiental) em ESG?
Ambiental (E) avalia como uma empresa atua como guardiã da natureza. Analisa como suas atividades impactam o meio ambiente e gerenciam os riscos ambientais. Inclui operações diretas e em toda a cadeia de suprimentos. Por exemplo, escassez e gestão de recursos, preservação de recursos naturais, tratamento de animais e emissões de gases de efeito estufa.

O S (social) em ESG?
Os critérios sociais (S) examinam os pontos fortes e fracos de como uma empresa gerencia os relacionamentos com funcionários, fornecedores, clientes e as comunidades onde atua. Por exemplo, esses critérios incluem condições de trabalho, operações em regiões de conflito, saúde e segurança, relações com funcionários e diversidade.

O G (governança) em ESG?
Governança (G) trata da liderança de uma empresa, remuneração dos executivos, auditorias, controles internos e direitos dos acionistas. Os investidores querem saber se podem confiar na empresa e que tipo de decisões são tomadas a portas fechadas. Inclui remuneração executiva, equidade de gênero/igualdade salarial, suborno e corrupção, e diversidade do conselho.

A falta de ESG pode prejudicar o valor de uma empresa

Os investidores, atualmente, entendem que os critérios ambientais, sociais e de governança vão além das preocupações éticas. Com critérios ESG robustos, as empresas podem evitar práticas que envolvem risco. Por exemplo, o escândalo de emissões da Volkswagen abalou o preço das ações da empresa, e os investidores perderam bilhões.

Investidores e empresas de investimento procuram empresas voltadas para ESG e as de serviços financeiros como Goldman Sachs e JPMorgan Chase e publicam relatórios anuais que analisam as abordagens ESG de várias empresas.

A prática do investimento ESG começou na década de 1960. O investimento ESG evoluiu do investimento socialmente responsável (SRI), o qual excluía ações ou indústrias inteiras de investimentos relacionados a operações comerciais, como tabaco, armas ou mercadorias de regiões em conflito.

O termo ESG foi cunhado em 2004 pelo ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan, e resultou em 2005 com o primeiro estudo, "Quem se importa ganha", desenvolvido em conjunto com os maiores investidores institucionais e bancos do mundo.

Hoje, o ESG está crescendo e evoluindo rapidamente, pois muitos investidores procuram incorporar fatores ESG no processo de investimento. De fato, o mercado ESG já deve dobrar este ano. Além disso, a Coalizão de Descarbonização de Portfólio, um grupo patrocinado pelas Nações Unidas de 27 investidores institucionais e gestores de ativos, principalmente europeus que controlam US$ 3,2 trilhões em ativos, comprometeu US$ 600 bilhões para financiar projetos e investimentos verdes.

Do lado jurídico, as regulamentações europeias estão pressionando por uma implementação robusta de fatores ESG no setor financeiro e em todos os outros lugares. A estrutura ESG é impulsionada na UE, pois é um mecanismo que apoiará o acordo verde e garantirá a implementação de uma economia mais sustentável. "É provável que o ESG desempenhe um papel maior na forma como as empresas são avaliadas, não apenas pelos investidores, mas também pelos consumidores e stakeholders", explica Nathan Bonnisseau, cofundador e CMO da Plan A. "Os números refletem uma crescente conscientização de que as empresas devem gerenciar seu impacto ambiental de formas inovadoras, a fim de permanecerem bem-sucedidos.

A sustentabilidade é o novo ideal, e o desenvolvimento de métodos sofisticados de avaliação das atividades e efeitos ESG é a chave para alcançá-lo", acrescenta.

De onde vem a pressão?

A crescente pressão para implementar fatores ESG vem

de legisladores, investidores e do ecossistema de negócios (por exemplo, mídia, consumidores, partes interessadas, clientes). Para permanecer atraente como empregador ou marca, as empresas precisam ter um bom desempenho em ESG. Como exemplo, 49% dos milionários *millennials* fazem seus investimentos com base em fatores sociais. Por isso, é fundamental que VC's, *startups* e empresas de tecnologia se antecipem à lei.

Observando como o vento está mudando a estrutura regulatória no setor financeiro, o ESG pode se tornar obrigatório para todas as organizações - se os gestores de ativos estão cumprindo os relatórios ESG, você terá a certeza de que eles passarão pelo escrutínio de todos os seus portfólios - incluindo várias *startups*. Aqui estão os regulamentos para ficar de olho:

O SFDR da União Europeia (*Sustainable Finance Disclosure Regulation*) entrou em vigor em 11 de março de 2021. Ele impõe obrigações de divulgação ESG para gestores de ativos e outros participantes dos mercados financeiros com disposições substantivas.

O Plano de Ação de Finanças Sustentáveis da UE: Um objetivo político significativo da União Europeia para promover o investimento sustentável em todo o continente. Partes dele estão efetivas, a partir de março de 2021. O objetivo é reorientar os fluxos de capital para investimentos sustentáveis e longe de setores que contribuem para as mudanças climáticas, como os combustíveis fósseis.

A Taxonomia da UE: A Taxonomia da União Europeia é indiscutivelmente o texto mais ambicioso, por ter o objetivo

de fornecer uma pontuação geral não financeira, cobrindo todas as facetas da sustentabilidade, desde ESG até biodiversidade e tratamento de poluição. A taxonomia da UE é um sistema de classificação que estabelece uma lista de

atividades econômicas ambientalmente sustentáveis. Para investidores, empresas e instituições financeiras — o regulamento define quais atividades econômicas se qualificam como sustentáveis e avaliam seu desempenho ambiental. A partir de janeiro de 2022, os participantes do mercado financeiro são obrigados a relatar como e em que medida seus produtos financeiros se alinham com a Taxonomia da UE, uma estrutura para classificar atividades econômicas ambientalmente sustentáveis

80 anos de confiança em reparação de pneus

TECH®

A SOLUÇÃO ESTRATÉGICA MAIS EFICAZ PARA REDUZIR OS CUSTOS COM REPARAÇÃO:

TECH International do Brasil
(19) 3800-3930 | vendas@techdobrasil.com

Como o ESG cria valor?

europeus investiram € 120 bilhões em opções de investimento sustentável, demonstrando que algo interessante está acontecendo: VC's e investidores estão cada vez mais interessados em como as *startups* estão pontuando em suas políticas e práticas ESG. Existem muitos cenários de onde vem a pressão para implementar ESG em sua empresa. Por exemplo, suponha que você seja um fundador de *startup* e esteja procurando ativamente por financiamento - você terá mais chances de convencer os investidores, se sua empresa já implementou políticas ESG e tem um bom desempenho nesses fatores.

Por um lado, foi demonstrado que as empresas que atuam em práticas ESG têm maior crescimento e otimização financeira, menor volatilidade, maior produtividade dos funcionários, redução de intervenções regulatórias e legais (multas e sanções), crescimento de receita e redução de custos. Por outro lado, as empresas que tiveram um desempenho ruim em ESG observaram um custo de capital mais alto, maior volatilidade, devido a controvérsias e outras incidências, como greves trabalhistas, contabilidade de fraudes e irregularidades de governança. Então, você prefere pular neste trem, se não quiser ser deixado para trás.

Por que é inevitável?

Há uma crescente conscientização de que o ESG pode se tornar obrigatório. Para que as empresas fiquem à frente das regulamentações, da concorrência e aproveitem todos os benefícios do ESG, devem integrar essa estrutura no centro de seu DNA. Em outra perspectiva, as organizações que não cumprem os fatores ambientais ou sociais podem acabar tendo dificuldades para lidar com questões regulatórias, legais ou de reputação em um estágio posterior.

Qual é o melhor curso de ação? Siga uma metodologia que reflita sustentabilidade e ESG. Nunca é tarde para começar: é mais fácil e rápido incorporar ESG desde o início, tornando as próximas gerações de unicórnios ou empresas da Fortune 500 mais diversificadas e igualitárias, bem preocupadas com a saúde e bem-estar de seu povo e impactando positivamente suas comunidades e o meio ambiente. Mas as empresas já estabelecidas também podem (e devem) começar a se atentarem ao tema o quanto antes!

CONHEÇA OS CRITÉRIOS DE ESG

Critérios ambientais

Os critérios ambientais podem incluir o uso de energia de uma empresa, os resíduos e a poluição que ela cria, como conserva os recursos naturais e a maneira como trata os animais.

Os critérios são frequentemente usados na avaliação de quaisquer riscos ambientais que uma empresa possa enfrentar e como a empresa está gerenciando esses riscos. Por exemplo, possui terras contaminadas? Como descarta os resíduos perigosos? Como gerencia as emissões tóxicas e como atende às regulamentações ambientais?

Critérios sociais

Os critérios sociais examinam as relações comerciais da empresa. A empresa tem uma alta consideração pela saúde e segurança dos funcionários? A empresa aloca uma porcentagem de seus lucros para sua comunidade local? Os funcionários da empresa se envolvem em trabalho voluntário? Os interesses de outras partes interessadas são levados em consideração?

Governança

Os investidores que analisam o ESG de uma empresa vão querer verificar se ele é preciso e transparente em seus métodos de contabilidade e relatórios. Os investidores também analisarão como uma empresa trata seus acionistas e seu direito de votar em questões importantes. Os investidores buscarão garantias de que a empresa não se envolve em práticas ilegais e evita conflitos de interesse, ao escolher seus membros do conselho.

REFORMA TRABALHISTA - PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A Reforma Trabalhista - Lei 13.467/2017, que completou cinco anos em 2022, trouxe novas diretrizes para atualizar e reformular a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que afetaram substancialmente as relações empregatícias, seus reflexos e desdobramentos.

Muitos são os elogios por parte dos empregadores, o que permite dizer que a reforma Trabalhista trouxe um efeito "positivo" para as empresas. Nessa linha, o que se destacou foi a considerável redução nos números de demanda e assentada mudanças na prática processual trabalhista, o que se atribui a imposição de responsabilidade por perdas e danos àquele que litigar de má-fé e condenação ao pagamento de honorários ao advogado da reclamada no caso de pedidos infundados é desproporcional, principalmente em casos de reclamações não existentes.

No mais, a Reforma Trabalhista permitiu que alguns direitos rígidos possam ser negociáveis. O que anteriormente não era possível, ou seja, antes não havia a possibilidade de sobreposição do acordado sobre o legislado.

Com isso, o Tema 1.046 do STF – ARE 1.121.633, reconheceu como constitucional os acordos e as convenções coletivos que, ao considerarem a adequação setorial negociada, pactuam limitações ou afastamentos de direitos trabalhistas.

Assim, atualmente é possível a realização do intitulado "acordo Legal", previsto no artigo 484-A da CLT, permitindo que o empregado e empregador, de comum acordo, possam extinguir o contrato de trabalho de modo a pactuarem a melhor forma possível a rescisão contratual.

A Reforma Trabalhista ainda inovou quando estabeleceu valores limites e critérios para a fixação de indenizações por danos morais, classificando de acordo com a gravidade da ofensa praticada em leve, média, grave ou gravíssima, nos moldes do §1º, do artigo 223-G da CLT, inibindo assim, "demandas aventureiras" e infundadas, com pedidos absurdos ou valores exorbitantes.

Vale destacar ainda que com o advento da pandemia, foram promulgadas várias Medidas Provisórias para preservação de empregos, mudanças em relação ao uso de tecnologias, novas formas de trabalho e modificações nas suas condições, dentre elas a incorporação do teletrabalho, trabalho remoto (home office), concessão de férias e antecipação de feriados, realização de acordos individuais entre empregado e empregador, criação de regime de bancos de horas, suspensão de exigibilidade do recolhimento do FGTS pelos empregadores, afastamento da gestante de todas as atividades insalubres durante a gravidez, que complementaram o cenário da reforma trabalhista.

Desse modo, esmiuçou-se todos esses pontos, modernizando um dos documentos mais importantes, a Carteira de Trabalho Digital, que permitiu ser alimentada pelo empregador, facilitando os registros laborais. Hoje todos os dados apresentados na CTPS são aqueles informados ao e-Social e Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o que facilita os processos nas empresas e reduz a burocracia.

Ante as questões pontuadas, nota-se que a Reforma Trabalhista, ainda nos trará grandes debates sobre a real eficácia e aperfeiçoamento das relações laborais. Porém, certo de que a nova legislação trabalhista permitiu uma adaptabilidade da mão de obra, conforme a necessidade do empregador.

Luiz Henrique de Oliveira Santos é advogado, atualmente responsável pelo assessoramento jurídico da ABR, pós-graduado em Direito Civil, Processo Civil e em Direito Empresarial - Contato: luizholiveirasantos@gmail.com, e Marilza de Castro Branco é advogada, milita nas áreas Trabalhista e Previdenciária, pós-graduada em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho, Perita Judicial - Contato: marilzacastroadv@hotmail.com

MIRANTE EM SÃO MIGUEL (RS) É DESTAQUE

Toda a estrutura foi construída com mais de dois mil pneus inservíveis

Imagine ter a oportunidade de contemplar uma linda vista do Rio Uruguai e da Argentina e uma gruta deslumbrante esculpida pela natureza. Tudo isso pode ser visto pelos turistas que visitam São Miguel, em Alecrim, no Rio Grande do Sul.

Mas o passeio do Caminho das Pedras tem ainda uma peculiaridade: um mirante com seis metros de altura, usando cerca de dois mil pneus.

A iniciativa é de Paulo Júnior Koche, e as obras iniciaram em junho do ano passado. Paulo, que atua no ramo da jardinagem, explica que, além de ser uma atração turística, aberta à população e sem cobrança de ingressos, a iniciativa tem o foco no meio ambiente, pois acaba tirando da natureza pneus que poderiam estar sendo descartados de forma incorreta.

A estrutura da base, constituída por 21 degraus, é feita de pneus e cascalhos. A cada passo, é possível ver o Rio Uruguai. No topo, a visão panorâmica é de 180°. Os trabalhos no local, propriedade de Paulo Koche, prosseguem. Para deixar o ambiente mais atrativo, flores e arbustos estão sendo plantados, além da colocação de bancos, também feitos com pneus reciclados.

Veja mais fotos do mirante no perfil da atração no instagram @mirante_prb

Transportador,

Não aceite venda casada.

Vincular a compra do pneu a realização da reforma é ilegal*!

A escolha pela reformadora de pneus é sua e não pode ser condicionada à compra de nenhum produto ou serviço.

*Lei nº. 12.529/11 - CADE e 8.078/90 - CDC

DESDE 1989 A REFERÊNCIA NACIONAL NO MERCADO DE REFORMA DE PNEUS

Edição nº 120 - Ano 2022

Pnews®

ABR ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA REFORMA DE PNEUS

TRANSPORTE

AGRONEGÓCIO PARA O TRANSPORTE

AGRONEGÓCIO DEVE CONTINUAR IMPULSIONANDO SETOR DE TRANSPORTE

Conab prevê produção de 308 milhões de toneladas na safra 2022/23 impulsionada pela boa rentabilidade de milho, soja e algodão

As primeiras projeções para a produção total de grãos para a safra 2022/23 apontam para uma colheita de 308 milhões de toneladas. O que é excelente para o setor de transporte e consequentemente para o setor de reforma de pneus, tanto para abastecer os implementos agrícolas, como as transportadoras.

O resultado é impulsionado, principalmente, pelo bom desempenho dos mercados de milho, soja, arroz, feijão e algodão. “Apesar do aumento nos custos de produção, as culturas ainda apresentam boa liquidez e rentabilidade para o produtor brasileiro”, esclarece o presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Guilherme Ribeiro. Estes fatores influenciam na tendência de alta na área destinada à soja, milho e algodão, como mostra a Perspectivas para a Agropecuária Safra 2022/23, divulgada no final de agosto pela Conab.

De acordo com os números, que apresentam as principais variáveis de mercado e as tendências para as culturas, a produção total destes cinco principais produtos cultivados no país, e que correspondem a mais de 90% da produção brasileira de grãos, está estimada em 294,3 milhões de toneladas.

Na divulgação da publicação, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Marcos Montes, reforçou o protagonismo do país na produção mundial de alimentos. "Se o Brasil parar de produzir, o mundo passa fome. O mundo não vai passar fome, pois o Brasil está produzindo e vai produzir, como mostram os números".
Para a soja, a perspectiva da Conab aponta um cenário recorde na produção, sendo projetada em 150,36 milhões de toneladas para a próxima temporada. Os preços do grão devem continuar atrativos, uma vez que a oferta e a demanda mundial da oleaginosa seguem ajustadas, refletindo em tendência de crescimento de 3,54% de área para a cultura, podendo chegar a 42,4 milhões de hectares.

A produtividade do ciclo 2022/23 deve apresentar recuperação em relação a atual safra após os problemas climáticos registrados nos estados do Sul do país e em parte do Mato Grosso do Sul. Com a melhora esperada na produtividade, a Conab estima que a maior disponibilidade do grão deve propiciar exportações na ordem de 92 milhões de toneladas, aumento de 22,2% em relação à safra 2021/22, um recorde para a cultura. Mesmo com a estimativa de aumento dos embarques, os estoques para a temporada 2022/23 também devem crescer em torno de 3,9 milhões de toneladas em relação ao que é previsto para o ciclo atual, sendo projetados em 9,89 milhões de toneladas.

No caso do algodão, a análise também aponta para um cenário de aumento de área, produtividade e consequente acréscimo na produção. As primeiras previsões para a safra 2022/23 indicam uma colheita de 2,92 milhões de toneladas da pluma. Os fatores que impulsionam o avanço da cultura são o elevado patamar dos preços do produto, boa rentabilidade, a comercialização antecipada, entre outros. No entanto, as incertezas do cenário econômico mundial podem restringir esse crescimento. Diante desta produção, é esperada uma retomada no volume exportado para um patamar próximo a 2 milhões de toneladas do produto final, além de um estoque de passagem de aproximadamente 1,75 milhão de toneladas de pluma no fim de 2023.

Já no caso do arroz, a área cultivada deve apresentar uma nova redução na safra 2022/23. Com o elevado custo de produção, os agricultores tendem a optar por culturas que apresentam melhores estimativas de rentabilidade e liquidez, como milho e soja. Ainda assim, a produção na safra 2022/23 deve ficar em torno de 11,2 milhões de toneladas, dada a possibilidade de recuperação na produtividade em relação à 2021/22, que sofreu com a disponibilidade de recursos hídricos para o seu bom desenvolvimento. Cenário semelhante é esperado para o feijão.
A atual melhor rentabilidade de grãos concorrentes deverá refletir em amena retração de área da leguminosa. Com isso, a produção tende a seguir bem ajustada com a demanda, mantendo a colheita total em cerca de 3 milhões de toneladas. Para ambos os produtos, o cenário previsto é de normalidade em relação ao abastecimento interno.

Para o milho é esperada uma produção total de 125,5 milhões de toneladas. Na primeira safra, há projeção de uma leve queda de área, com variação negativa de 0,6%, uma vez que o cereal concorre com a soja. No entanto, com uma possível recuperação na produtividade, após a escassez hídrica em importantes regiões produtoras na temporada 2021/22, a produção pode chegar a 28,98 milhões de toneladas. Já na segunda safra do grão, é projetado um aumento tanto da área como da produtividade, o que pode resultar em uma colheita de 94,53 milhões de toneladas, aumento de 8,2% em relação à safra 2021/22.

“O cenário de mercado não apresenta uma tendência de queda expressiva para as cotações de milho, uma vez que o panorama aponta para a demanda e a oferta ainda ajustadas no ano que vem. Com isso, as margens para os produtores continuam positivas, mesmo com os altos custos de produção. Além disso, é preciso lembrar que nas duas últimas safras, o clima foi uma variável de grande influência para o desenvolvimento da

cultura", explica o diretor de Informações Agropecuárias e Políticas Agrícolas da Conab, Sergio De Zen.

Mercado de Carnes

Para o próximo ano safra, os produtores de carnes, principalmente de aves e suínos, se deparam com o desafio de gerenciar os custos de produção, diante de preços de milho em patamares mais altos. Neste cenário de custos elevados, a tendência é de uma menor margem de rentabilidade para o setor.

No caso da suinocultura, outro fator a ser considerado é a recuperação dos rebanhos chineses, atingidos fortemente pela Peste Suína Africana (PSA) a partir de 2018, que vem impactando nas cotações internas de suíno vivo, além de influenciar na redução das exportações para a China.

"No entanto, com a abertura de novos mercados, a exemplo de outros países do Sudeste Asiático e do Canadá, essa queda tende a ser amenizada", reforça o superintendente de Estudos de Mercado e Gestão da Oferta da Companhia, Allan Silveira. Ainda segundo a análise da Conab, a tendência para 2023 é de um aumento na ordem de 6,7% nos abates que, por sua vez, não deve se converter totalmente em aumento na produção da proteína em virtude do menor peso médio esperado em função dos elevados custos na alimentação dos plantéis.

Os abates de aves projetados para 2023 também tendem a apresentar crescimento de 3,2% em relação a este ano, sendo estimados em 6,29 bilhões de frangos, enquanto as exportações devem apresentar uma ligeira queda de 1,7%, podendo chegar a 4,5 milhões de toneladas. Essa combinação de fatores resulta em um provável aumento da oferta interna na ordem de 4,2%, elevando a disponibilidade per capita acima dos 51 kg/hab/ano.

Para os produtores de carne bovina, apesar do bom momento vivido em relação à demanda externa, a pecuária de corte sofre com o aumento de custos, principalmente em virtude do aumento dos preços dos bezerros nos últimos anos. Em função dessa alta, foi traçada nos últimos anos uma estratégia de retenção de fêmeas por parte dos criadores, o que explica o aumento do rebanho projetado para 2022 e 2023 e deve se refletir em uma projeção de alta nos abates no próximo ano em torno de 2,7% quando comparado com 2022, sendo estimado em 30,1 milhões de cabeças.

"Apesar de haver previsão de queda do preço médio do bezerro, tal movimento não é suficiente para motivar uma queda geral nos custos, uma vez que a suplementação animal também tem sofrido com recentes altas", pondera o gerente de Produtos Pecuários da Conab, Gabriel Correa.

Esse incremento nos abates também indica um aumento na produção de carne bovina na ordem de 2,9%, em virtude da possibilidade de que em 2023 haja o início do processo de descarte de vacas, característico do atual momento do ciclo pecuário, o que também possibilita um acréscimo na ordem de 5% nas vendas ao mercado externo e ligeira elevação na disponibilidade per capita em 2023, se aproximando dos 26 kg/habitante/ano.

Bandas de Rodagem

RBALLT

Possui alta performance em uso misto. Proporcionando excelente tração em todos os terrenos, secos ou molhados.

Linha Completa em:

- Bandas Pré-moldadas
- Camelback
- Colas Multi-uso
- Envelopes
- Borrachas de Ligação
- Manchões Radiais e Diagonais
- Sacos de Ar

Todas as Bandas são produzidas nos tamanhos: Micro, Pequena, Média e Grande.

Rubbernew® Produtos de Borracha

Rua Sudão, 608 - Pineville
Fone: (55) 41 3669-8053
Cep 83320-090 - Pinhais - Paraná - Brasil
www.rubbernew.com.br

ISO 9001 BUREAU VERITAS Certification NORMA ISO 9001:2015

Rnew System GERENCIAMENTO DE VULCANIZAÇÃO

GRUPO COLOMBO COMPLETA 30 ANOS

Fundada em 1992, empresa completa três décadas comunicando investimentos

Foi no dia 1 de agosto de 1992 que os irmãos Luiz, Claudio, Rodrigo e Júlio Colombo, tiveram a ideia de montar o Grupo Colombo.

Contando com a valiosa ajuda do pai do clã, o sr.Luiz Colombo, que por toda vida foi caminhoneiro, e com o conhecimento que Luiz Jr. havia adquirido no mercado de pneus, trabalhando como funcionário, a ideia era trazer uma empresa com um atendimento diferenciado, colocando o cliente sempre em primeiro lugar.

Surgia assim, em Curitiba, o Grupo Colombo que em pouco tempo foi se solidificando e ganhou novos mercados.

Com os bons resultados da unidade de Curitiba, três anos após o início das operações, o Grupo Colombo abriu uma nova unidade em Miracatu, São Paulo e a partir daí o grupo não parou mais de crescer. É o que conta Luiz Colombo Jr.

"Em 1995 expandimos nossos negócios para o estado de SP com a unidade de Miracatu e, após, chegamos em Itararé. Em 2008, um novo marco quando iniciamos atividade no estado do Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados. Nos anos seguintes montamos unidades em Santa Cruz do Rio Pardo, em Ponta Grossa, e Presidente Prudente", enumera.

Hoje a empresa conta com sete unidades nos estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul e uma capacidade instalada para 10.000 pneus mês.

Luiz salienta ainda que outro marco importante para o Grupo nesses trinta anos foi a decisão de fechar parcerias com fabricantes. "Inicialmente fechamos com a borracha Tippler, até 2006 quando iniciamos parceria com o sistema RTS da Marangoni. E em 2015 resolvemos entrar no Comércio de Pneus Novos fechando parceria com a Continental".

Com o crescimento dos negócios, o grupo investiu também no setor de transportes para facilitar sua própria logística.

Ao longo do mês de agosto, a empresa realizou três eventos para celebrar os 30 anos de fundação, no dia 6, em Dourados, 20/08 em Santa Cruz do Rio Pardo , reunindo as unidades de Itararé, Presidente Prudente e Santa Cruz e em Curitiba, com as unidades de Miracatu, Ponta Grossa e Curitiba.

E foi justamente nesse evento realizado na capital paranaense que o Grupo mostrou toda a confiança na perenidade do negócio ao anunciar o início das obras para as novas instalações da Matriz em Curitiba.

Ainda como parte das comemorações, a empresa lançou uma campanha especial para seus clientes com sorteio de brindes e reforma de pneus.

FM PNEUS CREDENCIA MAIS TRÊS UNIDADES NA VIPAL REDE AUTORIZADA

Plantas da empresa localizadas em Araucária e Maringá/PR e Gaspar/SC passam a integrar a maior rede de reformadores de pneu da América Latina

Uma das principais parceiras de negócios da Vipal Borrachas no Brasil acaba de credenciar três novas unidades a Vipal Rede Autorizada. A FM Pneus, reformadora que nasceu na cidade de Maravilha, no oeste catarinense, e hoje conta com unidades também nos estados do Paraná e São Paulo, acaba de credenciar suas novas unidades de Maringá/PR, Araucária/PR e Gaspar/SC na rede da Vipal.

A empresa agora passa a contar com oito indústrias, mais de 500 colaboradores diretos, cerca de 20 Truck Centers e pontos de apoio, além de uma frota comercial de mais de 150 veículos para atender clientes dos três estados onde têm plantas e mais o Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Eduardo Maldaner, Diretor Executivo da FM Pneus, destaca que a unidade de Gaspar/SC já existia e foi adquirida pela empresa e incorporada na Vipal Rede Autorizada. Já as novas unidades paranaenses de Maringá e Araucárias foram construídas do zero.

"Nossa intenção com essas duas novas unidade no Paraná é nos tornarmos um dos principais players do segmento nas regiões da Grande Maringá e Grande Curitiba. Já com a unidade de Gaspar, queremos atender toda a região do Vale do Itajaí com mais agilidade e proximidade. É uma região onde ainda temos muito espaço para crescer em Santa Catarina", destaca. "Além da linha completa de bandas e produtos da Vipal, todas as nossas plantas contam também com os equipamentos da Vipal Máquinas, que amplia a eficiência e qualidade dos nossos serviços", destaca Maldaner.

O Gerente de Mercado da Vipal Borrachas, Eduardo Salami, destaca a parceria de longa data com a FM Pneus. "É um parceiro estratégico que atende importantes territórios das regiões Sul e Sudeste. É um cliente que conta com uma demanda muito grande de serviços e, consequentemente, compra uma grande quantidade dos nossos produtos para atender as necessidades de suas oito unidades. A FM Pneus é uma empresa que tem um alinhamento muito grande com a Vipal no sentido de entregar os melhores produtos e serviços aos seus clientes, afirma Salami.

A Vipal Rede Autorizada conta com mais de 300 reformadores credenciados em toda a América Latina. Destes, mais de 200 estão distribuídos em todos os estados brasileiros.

BOREX LANÇA NOVAS BANDAS DE RODAGEM

Modelos BXT5 L, BXL12, BXL1 A L e BXM1 L ampliam o portfólio e foram desenvolvidos para atender às demandas do mercado com linhas modernas, versáteis e a reconhecida qualidade dos produtos Borex

BXL12 BXL1 A L BXM1 BXT5

A Borex, marca do grupo Unique, está em constante evolução e mantém foco em oferecer produtos que atendam às necessidades dos mercados onde atua.

Resultado desse olhar atento para o mercado é o lançamento das bandas BXT5 L, BXL12, BXL1 A L e BXM1 L. Os novos produtos ampliam o portfólio da marca, consolidando a Borex com a linha de bandas mais completa do mercado de reforma de pneus no Brasil. As novas bandas de rodagem foram desenvolvidas em atendimento às demandas do mercado com linhas modernas, versáteis e a reconhecida qualidade presente nas bandas Borex. Os lançamentos trazem as características já conhecidas de todos os produtos da marca, como a banda na medida certa, encaixe perfeito, facilidade de compra, variedade de desenhos e pronta-entrega.

Desenvolvidas para veículos de eixos livre e de tração, as novas bandas são produzidas com compostos de borracha que garantem excelente desempenho quilométrico. Elas passaram por rigorosos testes nos laboratórios do parque fabril da empresa, em São Leopoldo (RS), equipados com o que há de mais moderno em equipamentos para ensaios de elastômeros, garantindo os padrões de qualidade e segurança exigidos pelo mercado.

A BXT5 L é uma banda de tração leve, indicada para uso rodoviário e para médias e longas distâncias. Já disponível no mix da Borex, na opção de 20mm, agora ela oferece mais opção de profundidade. A linha BXL12 traz novo desenho para ampliação do portfólio da marca para eixos livres de veículos rodoviários. Conta com ombros arredondados para diminuir impactos com arraste lateral e banda leve para preservar a carcaça. Também voltada para atender eixos livres, a BXL1 A L é a única banda do mercado com aba com 10mm de profundidade, enquanto a BXM1 L atende eixos e terrenos mistos, sendo uma opção mais leve para a família BXM1.

SOLUÇÃO TIPLER. INTELIGÊNCIA PARA O SEU NEGÓCIO IR MAIS LONGE.

A Solução Tipler é um modelo de negócio diferenciado e completo que oferece treinamento para a sua equipe, acompanhamento técnico e comercial, além de ferramentas de gestão que vão transformar a sua visão de negócio.

O resultado desse investimento em recapagem é um modelo inovador que está disponível para você obter o máximo em produtividade e lucratividade.

TIPLER

ABR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DA REFORMA DE PNEUS